

# Cartografia das Redes da Revolta: fluxos políticos de oposição radical no Facebook

## Cartography of revolt networks: extreme opposition political flow on Facebook

**Marcelo Alves dos Santos**

Jornalista (UFSJ) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF)

### Resumo

Este artigo se dedica ao estudo empírico exploratório do surgimento da rede de oposição radical, que aciona a retórica antipetista e antiesquerdista no Facebook. A partir de procedimentos metodológicos de mineração de dados e de análise de sites redes sociais, investigam-se as ligações de um conjunto de páginas não oficiais como um movimento ideológico reacionário neoconservador. O mapeamento indica a articulação difusa de canais antipetistas em seis subgrupos: militarista, fontes de informação, anticorrupção, anticomunismo, direitista e humorista. A divisão representa as disputas simbólicas de um discurso neoconservador que relembra traços ideológicos integralistas, nacionalistas e anticomunistas, mas que se reconfigura na contemporaneidade pela contraposição à alteridade política identificada como petista, esquerdista e bolivariana. As fanpages consomem e ressignificam as mensagens de acordo com convicções enraizadas de cinismo e de descrédito direcionados às instituições oficiais em um contexto de 12 anos da virada à esquerda no Governo Federal brasileiro. Por fim, levantam-se questionamentos e apontamentos para pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** comunicação política; mídias sociais; antipetismo; direita; cartografia.

### Abstract

*This paper is dedicated to the exploratory empirical analysis of the extreme opposition network's emergence on Facebook. An object is identified by yielding a hostile anti-leftist and antipetista rhetoric. Drawing on data mining and online social network analysis methodological procedures, the work investigates the formation and articulation of this set of unofficial fan-pages as a neoconservative reactionary ideological movement. The mapping indicates the diffuse articulation of channels on six distinct subgroups: militarist, information sources, anticorruption, anticomunism, rightist and humorous. This division represents some symbolic branches that exist inside a neoconservative discourse. This movement recollects past integralistas, nationalists and anticomunists ideological traits. But this discourse is reconfigured through the exclusion of traits of the political identity otherness, identified as petista, leftist and bolivariana. The fan-pages consume and contextualize the messages according to rooted convictions of cynicism directed towards the official political institutions in a conjuncture of 12 years after the Brazilian government left turn. At the end, the paper indicates remaining questions and an agenda for future research.*

**Keywords:** Political Communication; Social Media; Antipetismo; Right; Mapping

## INTRODUÇÃO

Um conjunto de diversos agentes surge e ganha reconhecimento no Facebook de modo difuso para atacar o Governo Federal, espelhado no Partido dos Trabalhadores (PT) e em sua base aliada, a partir de práticas que mobilizam o discurso da intolerância partidária, seguindo gramáticas e culturas próprias das redes sociais digitais. Inúmeras fanpages não oficiais com orientações ideológicas variadas mobilizam discursos de oposição radical ao governo e às ideias identificadas como esquerdistas. São forças que minam a legitimidade das instituições políticas a partir de um posicionamento de ressentimento e de cinismo. Este artigo busca estudar e levantar questionamentos iniciais acerca do surgimento da rede de oposição radical no Facebook, mapeando quais são e como se articulam as principais páginas reconhecidas no site de relacionamentos pela retórica do antipetismo. A partir de métodos de mineração de dados e de análise de redes sociais, encontram-se seis subgrupos: militarista, fontes de informação, anticorrupção, anticomunismo, direitista e humorista, que representam a diversidade ideológica e as disputas simbólicas na rede, reconfigurando elementos da cultura política de direita radical nacional.

Assim, o trabalho descreve e investiga empiricamente a formação e articulação de processos comunicacionais que ocupam espaço de antagonismo ao Governo Federal no Facebook, destinados a disseminar um clima de revolta contra as instituições e as personalidades políticas de situação, mas sem assumir ou projetar afiliação partidária coesa. Nesse sentido, pretende-se oferecer chaves analíticas iniciais que possam elucidar os fluxos políticos antipartidários em um ambiente midiático não institucional, no qual canais, muitas vezes de autoria anônima, atuam sistematicamente na proposição de agendas de ataque ao governo petista.

Para isso, problematiza-se como definir a gama de páginas que se mobilizam radicalmente contra as ideologias de esquerda, sobretudo o socialismo e o comunismo. O argumento deste texto sugere que sejam metamorfoses de um discurso ambivalente que, embora nem sempre se autodenomine de direita, simboliza reconfigurações de matizes e de valores conservadores direitistas em um contexto contemporâneo de virada à esquerda na política da América Latina, 12 anos depois da chegada do Partido dos Trabalhadores à Presidência do Brasil.

Compreende-se a emergência da rede de oposição radical no Brasil como um fenômeno que, a princípio, representa o descontentamento de parte da população com o Governo Federal petista, resultando em rejeição e em hostilidade nos discursos que circulam nas redes. Esse processo comunicacional de oposição é reflexo, em parte, do desgaste na avaliação de Dilma Rousseff e dos seguidos escândalos de corrupção noticiados pela imprensa (MELO; SANTOS, 2013). Contudo, entende-se que esse movimento discursivo também simboliza um reagrupamento discursivo da opinião pública brasileira, a partir do surgimento de grupos neoconservadores de oposição radical nas mídias sociais.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: realiza um breve resumo da evolução histórica sobre os estudos sobre as direitas na América Latina e no Brasil, a fim de suscitar eixos de debate que alimentem a reflexão acerca da rede de oposição radical do Facebook. Em seguida, apresenta e descreve os procedimentos metodológicos, a análise de redes sociais on-line e a cartografia das fanpages de oposição no Facebook. Por fim, os resultados são investigados à luz do recorte teórico proposto, indicando como o antipetismo acionado pelo objeto exclui elementos considerados de esquerda, sem, todavia, se definir como um bloco coeso de direita. As considerações finais problematizam os achados e levantam questões remanescentes para pesquisas futuras.

### EVOLUÇÃO DAS DIREITAS NA AMÉRICA LATINA E A *LEFT TURN* CONTEMPORÂNEA

A literatura aponta que a formação das direitas na América Latina no século XX esteve intrinsecamente relacionada ao clientelismo, ao catolicismo e ao anticomunismo, sendo representada de forma complexa em cada país (BOISARD, 2014). Em geral, há traços remanescentes do pensamento nacionalista, integralista e conservador enraizado desde o colonialismo (ROMERO, 1970). Pode-se definir direita como um conjunto de grupos que vai além da afiliação partidária e que possui atitudes políticas similares. Volta-se, então, para culturas políticas e sensibilidades que se aproximam do espectro da direita em quatro aspectos: (a) ideológicos, defendem a ordem perene; (b) psicológicos, com traços violentos ou autoritários; (c) conformistas, prezam pela estabilidade de seu status; e (d) popular, marcado por paternalismo, clientelismo, religião e superstição (ROMERO, 1970; BOISARD, 2014).

Destaca-se um período de ascensão de grupos fascistas no século XX com considerável base social e influência nos quadros políticos nacionais no México, no Chile, na Bolívia e, de modo mais contundente, na Argentina – como a Liga Patriótica Argentina, a Legião Cívica Argentina e a Aliança Anticomunista Argentina – (ALMEIDA, 2008) e no Brasil – Ação Integralista Brasileira e Partido de Representação Popular – (BARBOSA, 2008). Embora representem diferentes conjunturas nacionais, os movimentos partilhavam do chamado “medo vermelho”, dirigido contra as doutrinas comunistas em voga na época, bem como enquadrando a esquerda como subversiva e antipatriótica.

Na eleição presidencial de 1989, o alinhamento ideológico esquerda/direita girou em torno da percepção de como os candidatos se posicionavam em temas socioeconômicos, como ação do Estado na economia, e em relação à mobilização social. A eleição de 1989 marcou o crescimento de Fernando Collor, com uma retórica de centro-direita populista, antipartidária, antipolítica e antiestado, com considerável incidência de votos de protesto (SINGER, 1999). “A análise dos dados mostra que o eleitor brasileiro [...] é *sensível ao debate ideológico*, ao contrário do que reza o senso comum das interpretações eleitorais no Brasil” (SINGER, 1999, p. 52-3, grifos do autor).

No Brasil, todavia, há um esforço de partidos de direita em desvincular sua imagem do regime ditatorial, fenômeno conhecido como a direita envergonhada (MADEIRA; TAROUÇO, 2011). Nesse sentido, é de se notar que o rótulo de direita remete ao passado, à injustiça, ao egoísmo, à desigualdade e à ditadura, o que resultava em poucos movimentos autodenominados de direita “Está envergonhada de si, esta má consciência da direita só faz dificultar os trabalhos de decifração e deslizar a informação” (PIERUCCI, 1987, p. 38). Contudo, esse fenômeno vai arrefecendo com o passar do tempo, com a renovação de parcelas do eleitorado que não tiveram contato com a ditadura e com a alteração dos quadros partidários e das lideranças políticas.

Na mesma época, em São Paulo, a direita era marcada pelo sentimento de ameaça, desorientação, medo e agressividade direcionada ao outro (PIERUCCI, 1987). É uma base eleitoral, segundo o autor, ativista, que defende a manutenção da ordem, a segurança policial e o recrudescimento da justiça. São religiosos, mas anticlericais, censores morais, críticos da banalidade televisiva e pregadores dos bons costumes e da preservação da família. Ele afirma que estão presentes entre parcelas específicas da classe média paulistana sentimentos declarados contra imigrantes pobres das regiões Norte e Nordeste. No que se refere ao conteúdo ideológico, a nova direita paulistana que se evidencia na década de 1990 se divide em classes mais abastadas, que defendem programas neoliberais e antiesquerdistas, e setores mais pobres, com menor escolaridade, que se identificam com os posicionamentos de conservadorismo moral, autoritarismo e Estado forte (ALVES, 2000).

Além disso, Pierucci também destaca uma grande constelação de camadas médias urbanas que pregam o resgate dos valores e da família contra o que consideram como permissividade e a homossexualidade. Essa extrema-direita aciona o moralismo para atacar movimentos e propostas que alteram a ordem instaurada ou para diagnosticar a crise dos valores e das maneiras. Na década de 1990, as tendências foram da direitização e da volatilização do voto. “Hoje, estão juntas, coligadas, uma direita tradicional, que permanece, e uma que flutua” (PIERUCCI; LIMA, 1991, p. 26, grifo dos autores).

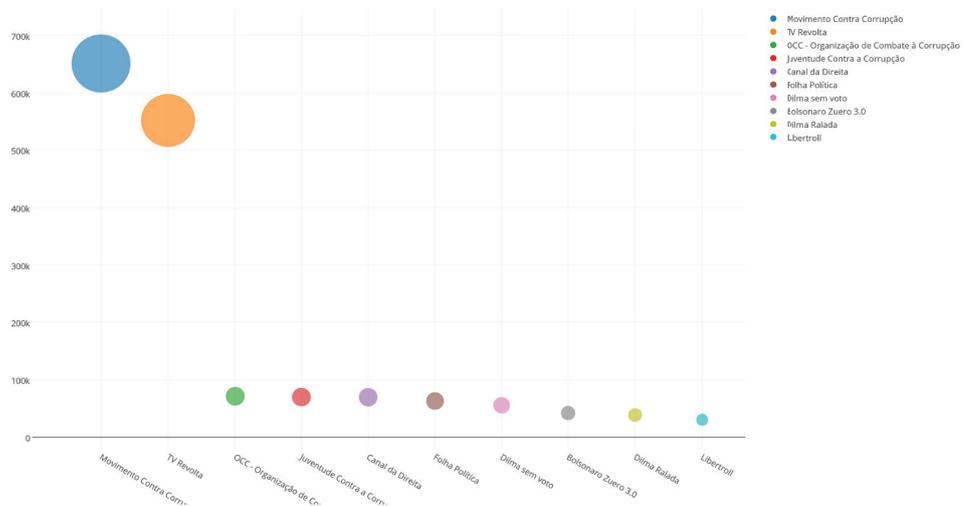
Portanto, o fenômeno de reorganização de grupos que ocupam espaço discursivo contemporâneo de antagonismo ao Governo Federal reestrutura matrizes históricas das direitas nacionais em meio a um contexto sociopolítico particular. Por isso, considera-se a reconfiguração da direita no panorama atual como uma onda de resposta ao processo de virada à esquerda na América Latina (CAMERON, 2009). A corrente teórica aponta o processo histórico de crescimento de partidos à direita no espectro ideológico a partir do sucesso de movimentos de centro-esquerda que chegaram ao poder. Nesse sentido, se a cultura política e as preferências ideológicas dos eleitores não seguiram a guinada à esquerda no Governo Federal, espera-se um movimento de antagonismo vindo dos setores de direita (BOWEN, 2011). De fato, houve queda entre eleitores que se identificavam com temas de esquerda e um aumento da rejeição

ao PT em todos os eixos ideológicos (CARREIRÃO, 2007). Além disso, a distribuição do eleitorado brasileiro se concentra mais à direita e alinhada a aspectos conservadores, sobretudo entre classes populares e menos escolarizadas (AMES; SMITH, 2010).

### METODOLOGIA

Foram aplicadas técnicas de análise de sites redes sociais, a fim de desenvolver um mapeamento recriar a cartografia de relação entre as fanpages que se posicionam antagonicamente ao Governo Federal a partir de um viés antipetista e antiesquerdista no Facebook. O processo metodológico apreende extração, processamento, visualização, apresentação e análise da estrutura relacional de redes associativas (RECUERO, 2009). Cada uma delas envolve conhecimentos técnicos e ferramentas específicas. A mineração de dados foi iniciada a partir de levantamento anterior de uma rede-ego – nós de onde se começa a extração de dados – de 40 páginas com maior engajamento no Facebook que dedicam grande parte de suas postagens ao ataque do Governo Federal, com vieses antipetista e antiesquerdista (DOS SANTOS, 2014).

Figura 1 – Mineração de dados



Fonte: figura elaborada pelo autor

Então, realizou-se a mineração sistemática de dados coletados de páginas, utilizando ferramentas chamadas de crawlers. Estes mecanismos obtêm informações públicas automaticamente, reconstruindo as conexões em grafos, relação gráfica entre os vértices e as arestas dos elos “para permitir diferentes análises, incluindo identificação de padrões de comportamento de usuários em diferentes sistemas, identificação de tópicos de interesse dos usuários” (BENEVENUTO ET AL, 2012, p. 88).

Nesse sentido, há diversos mecanismos on-line para realizar essa tarefa. O Netvizz foi escolhido por ser um programa aberto para uso não comercial que extrai dados de perfis, grupos e páginas do Facebook para propósitos de pesquisa (RIEDER, 2013). Com ele, foi possível reconstruir as arestas de ligação entre as fanpages, ou seja, demonstrar a articulação relacional da rede de curtidas entre os canais. Foi empregada a técnica snowball de coleta de dados, isto é, “a partir de um nodo semente. Ao coletar a lista de vizinhos desse nodo, novos nodos são descobertos e então coletados no segundo passos” (BENEVENUTO ET AL, 2012, p. 79).

Por fim, utilizou-se o Gephi, uma plataforma de exploração de dados, para gerar o grafo hierárquico de nós, com o qual se podem aplicar diversos algoritmos para calcular quais são os centros mais influentes da amostra estudada (BASTIAN; HEYMANN; JACOMY, 2009). O resultado, contudo, ainda teve de ser filtrado para excluir todas as entradas que não se relacionavam com o tema do artigo. Devido à natureza dinâmica e orgânica das mídias sociais, deve ser feita a ressalva de que o panorama pode ser alterado com o passar do tempo ou com a inserção de novos temas na agenda nacional.

A informação foi processada utilizando os seguintes algoritmos do Gephi: (a) modularidade, identifica grupos de nós que compartilham conexões entre suas arestas e os reúnem em comunidades; (b) autoridade, mede fatores que determinam a relevância de nós no ambiente; (c) *hubs*, grupos de nós que possuem autoridade; e (d) grau de entrada, quantidade total de conexões que um nó recebeu, isto é, quantas páginas se ligam a ele (VALDEZ ET AL, 2012).

Com isso, utilizou-se o layout Force Atlas 2 para produzir a visualização do grafo, organizado de acordo com os algoritmos escolhidos, e possibilitar a interpretação. O Force Atlas 2 é um dimensionamento de espacialização baseado nas leis da gravidade: os nós produzem força de repulsão entre si, enquanto as arestas os aproximam. Este modelamento da rede atrai pontos bem conectados, formando grupos de nós referentes às ligações entre eles (JACOMY ET AL, 2011) Com isso, pode-se identificar quais páginas são mais influentes, como estão articuladas e quais são as principais comunidades.

## RESULTADOS E ANÁLISE

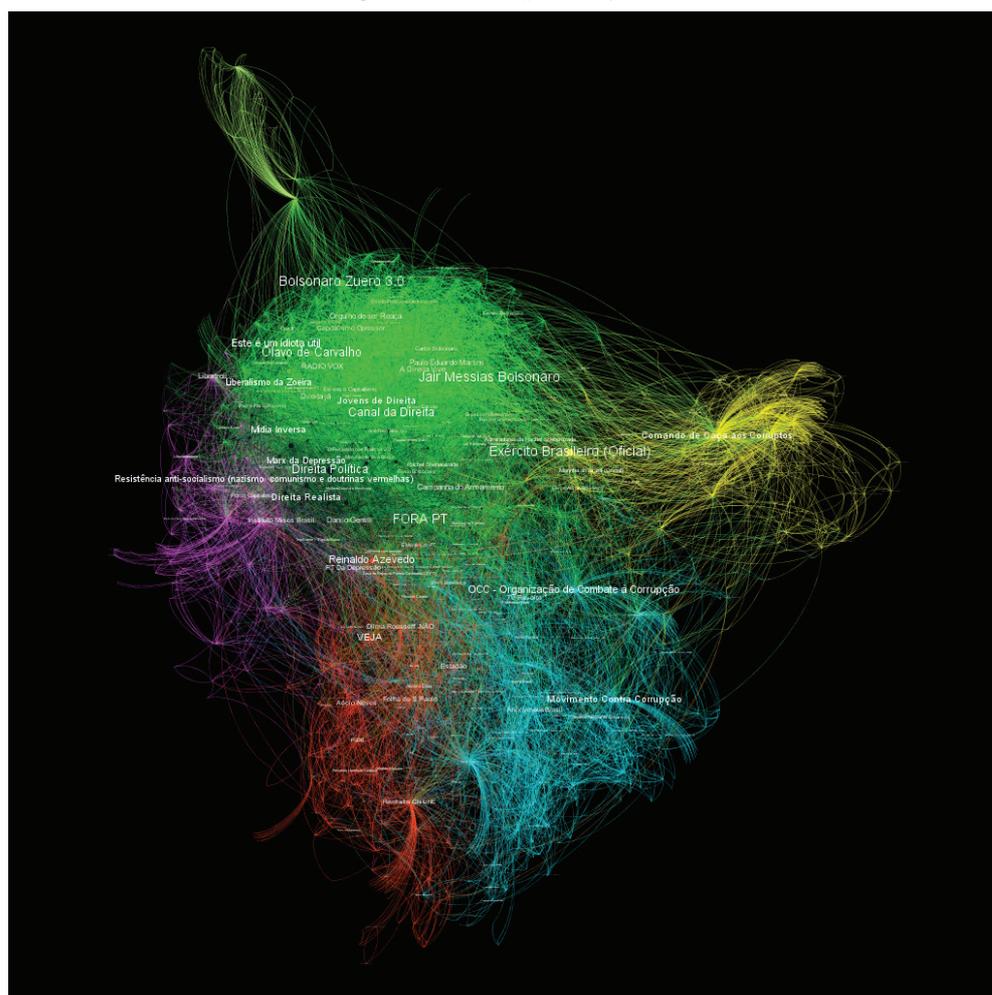
A cartografia das redes complexas é a etapa do procedimento metodológico que dá sentido à grande quantidade de dados extraídos, recriando as relações entre os nós e tornando possível a interpretação, de acordo com o escopo teórico proposto no recorte do artigo. De início, destaca-se a predominância do público paulista em comum com a maioria das páginas, concentrando a análise nesse estado. No que se refere à idade, o público mais envolvido com as fanpages foi bem distinto, variando entre 18 e 55 anos, considerando que o grupo de canais de humor ou trollagem concentra o público de 18 a 24 anos.

Em seguida, foram encontradas as dez principais páginas que mobilizam os fluxos discursivos na rede mapeada. Para isso, foi gerada uma média ponderada entre três variáveis: (a) número de curtidas; (b) engajamento (pessoas falando

sobre); e (c) grau de entrada. A combinação das três medidas visa identificar fanpages que possuem maior público ativo, isto é, que participa das mensagens com alguma ação, e são reconhecidas dentro da rede como objetos de referência. Foram excluídos canais de políticos ou líderes de opinião, a fim de focar o estudo em conteúdos gerados por usuários. Assim, foi criado um ranking na seguinte ordem: (a) Movimento Contra Corrupção; (b) TV Revolta; (c) Bolsonaro Zuero 3.0; (d) Olavo de Carvalho; (e) FORA PT; (f) OCC – Organização de Combate à Corrupção; (g) Este é um Idiota Inútil; (h) Direita Política; (i) Eu era esquerdista mas a zuera me curou 1.0; (j) Jovens de Direita.

Utilizando a medida de modularidade, foi analisada a proximidade de ligações entre os nós para agrupá-los em comunidades. “Quanto mais densas as interconexões entre um determinado grupo de nós, maiores as chances de eles constituírem um módulo na rede. Ela tende a separar clusters de nós dentro da rede” (RECUERO, 2014, p. 68). Com isso, foram identificados seis subgrupos majoritários na cartografia. Assim, indica-se uma tipologia baseada nos diferentes discursos acionados por cada um.

**Figura 2** – Grupos majoritários



*Fonte: figura elaborada pelo autor*

(a) **Militarista:** de amarelo, está o *hub* que possui duas páginas ao centro: Comando de Caça aos Corruptos e Organização de Combate à Corrupção. Ao redor, há diversos canais que se ligam a setores militares (Intervenção Militar Já; Orgulho de Servir, Eu sou Caveira) e ao Judiciário (Brasil contra a Impunidade; Brasil contra a Corrupção). É grupo que se dedica à exaltação das forças policial e militar, tratando de temas como a redução da maioria penal, a tolerância zero contra “bandidos”, o resgate da ordem e dos valores tradicionais.

(b) **Fontes de informação:** a parte em vermelho possui fanpages oficiais de meios de comunicação, como *Veja*, *Estadão*, *Exame*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*; do PSDB e de políticos como Geraldo Alckmin, Fernando Henrique Cardoso, Ronaldo Caiado e Aécio Neves; bem como dos columnistas Reinaldo Azevedo e Ricardo Noblat. Já que nenhuma delas foi utilizada como grau de saída, conclui-se que estejam ilustradas no grafo a partir de ligações dos demais nós, representando fonte de informação, líderes de opinião ou referência.

(c) **Anticorrupção:** em azul, outro subgrupo orientado contra a corrupção, encabeçado pelo Movimento Contra a Corrupção e suas seções estaduais. As arestas apontam para nós como: Juventude Contra a Corrupção, Povo Brasileiro, Chega de Corruptos, Isso é Brasil, Dia do Basta, Mensaleiros na Cadeia e o Partido Novo. Mais ao centro estão TV Revolta e Política na Rede. É notável a presença do tema da corrupção petista na rede de oposição radical, articulando mensagens de rejeição e de sentimento de impunidade contra os escândalos extensamente divulgados pela imprensa. Além disso, enfatiza-se que os desvios morais são percebidos majoritariamente na figura do PT, direcionando apelos por justiça e medidas drásticas contra suas lideranças.

(d) **Liberal e anticomunista:** em roxo, está um *cluster* declarado liberal e anticomunista. Entre as principais fanpages, ressaltam-se Resistência anti-socialismo (nazismo, comunismo e outras doutrinas vermelhas), Libertarianismo, Libertários, Foco Liberal, Marx da Depressão, PT da Depressão, Porco Capitalista, Mulheres Contra o Feminismo, Manifestação Contra o Foro de São Paulo, Comunista de Rolex e Esquerda Caviar. Esse conjunto de páginas representa uma metamorfose contemporânea e ambivalente do discurso anticomunista, fazendo referências desde a temas liberais, como a crítica ao Estado de Bem-Estar, até a suposta “ditadura bolivariana do PT”. É um indício que aponta para as reconfigurações do “medo vermelho”, relacionando a virada à esquerda em governos da América Latina a um movimento que iria ao encontro do modelo político e econômico de Cuba.

(e) **Reacionários, moralistas e direitistas:** a grande comunidade verde se divide entre canais que se assumem como reacionários de direita, apoiadores do deputado federal Jair Messias Bolsonaro (PP-RJ), e humoristas. Notam-se Canal da Direita, Direita Já, Direita Política, Bolsonaro Zuero 3.0, Jovens de Direita, Super Reação, a Direita Vive, Fora PT, Anti neo-atéismo, Resistência Nacionalista, Esquadrão Conservador e Politicamente Irado. Ademais, três

páginas de líderes de opinião midiáticos estão localizadas mais ao centro: Olavo de Carvalho, Paulo Eduardo Martins e Rachel Sheherazade, além do humorista Danilo Gentili. Pelo acentuado número de ligações, são canais de considerável influência entre os nós próximos, até com fã-clubes destinados a repercutir suas mensagens, como Admiradores de Rachel Sheherazade e Musas Olavettes.

(f) **Trolls e humor:** na rede, também é perceptível um subgrupo voltado ao apelo humorístico, utilizando frequentemente memes e montagens para disseminar comentários ácidos contra as ideologias e personalidades identificadas como de esquerda. Chamam a atenção, entre eles: Cristão Opreçor, Ursinhos Bolivarianos, Esté é Alguém do PT, Este é um Idiota Útil, Segura o Che, Direita Politicamente Incorreta. É um fenômeno recorrente e sintomático da linguagem das mídias sociais, apropriando-se de temas políticos com abordagens irônicas, chavões e piadas.

A cartografia indica que a rede de oposição radical se organiza de forma orgânica, descentralizada, fragmentária e sem proposta de ação em longo prazo. Em comum, os canais reivindicam um espaço discursivo de oposição com a finalidade de tirar os agentes do PT e de sua base aliada do Governo Federal. A retórica do grupo assume tons agressivos, ora apelando para o sentimento de revolta, ora atacando a corrupção, indicando uma política de visibilidade sustentada pelos sentimentos de frustração e cinismo. “A página nunca apoiou nenhum partido, mas é evidente que estamos fazendo uma campanha contra o PT nesse momento, já que 99,9% do nosso público apoia e quer a derrota do PT nas próximas eleições. A insatisfação do povo faz com que tomemos essas ações” [1]. As mensagens, então, adotam estratégia nós X eles para caracterizar as lideranças dos partidos da base governista como inimigos que devem ser derrotados a qualquer custo. Os temas abordados são muito variados, como moralismo, corrupção, militarismo e comunismo.

Entende-se que esse grupo apresenta um fenômeno de notável relevância na circulação das informações políticas contemporâneas. Isso porque constitui um locus discursivo que passa ao largo de instituições tradicionais como governo, sindicatos, partidos e associações. Também não faz parte da mídia tradicional, de líderes de opinião ou dos recentes blogueiros comentaristas de política. Ao contrário, é reconhecida no Facebook por um público agregado de milhões de curtidas, postura de enfrentamento e mensagens hostis dirigidas contra agentes de situação do Governo Federal, petistas, deputados e lideranças consideradas de esquerda. Torna-se, portanto, um espaço de comentário político que respeita lógicas e normas particulares, colocando-se como alternativa à mídia tradicional e aos blogueiros progressistas.

Há a presença do que pode ser considerada a velha extrema-direita, fazendo referências ao integralismo, ao nacionalismo e ao Exército, além de características emergentes configuradas no ecossistema particular das redes digitais. O grupo se opõe claramente às ações neonazistas e neofacistas por

considerá-las resquícios do comunismo e do socialismo – as “doutrinas vermelhas”. Nos fluxos performáticos de oposição nas mídias digitais, encontra-se a preocupação em se desvencilhar da conotação histórica negativa da direita brasileira, sendo que poucos canais apoiam abertamente a volta do governo militar. A própria posição de direita é problematizada pelos diversos subgrupos, sendo adotada e exaltada por alguns e desconsiderada por outros, que preferem se caracterizar como apartidários e sem afiliação político-ideológica.

A rede de páginas de oposição no Facebook não se preocupa em definir filiação partidária. Algumas comunidades se destinam ao apoio a candidatos como Jair Bolsonaro (PP-RJ), mas, em geral, dispensam estruturas partidárias e não fazem campanha aberta a nenhum candidato à Presidência do Brasil. É o discurso de antagonismo e da revolta contra a situação que as une. Levando em consideração os apontamentos de Comparato (2014), nenhum partido representa atualmente esses sentimentos de indignação. Contudo, enfatiza-se, segundo Norris (2005), que as alterações na opinião pública pressionam as bases oposicionistas a modificar suas propostas. Essa configuração dinâmica do mercado eleitoral carrega potencial de pressionar agentes de centro-direita a assumir programas mais conservadores.

A definição de um grupo heterogêneo, de fato, suscita inúmeros desafios teórico-metodológicos. Nesse sentido, enfatiza-se que, embora a quantidade de eleitores que se autoidentificam como de direita seja superior aos que se identificam como de esquerda, muitos não conseguem explicar razoavelmente o que significam essas representações ideológicas (CARREIRÃO, 2007; AMES e SMITH, 2010). Ao mesmo tempo, parcelas do público se aproximam de posicionamentos e de conteúdos programáticos clássicos da direita, sem, todavia, assumir essa afiliação ideológica. Certamente, a diferenciação direita/esquerda é confusa e ambivalente para o eleitorado não especializado, sendo assimilada, até 2002, como um posicionamento de oposição ao governo (LOURENÇO, 2007). Ainda assim, são atalhos cognitivos de relevância na apreciação de programas, de temas e de ideias do mundo da política (SINGER, 2000). Dessa forma, problematiza-se como os fluxos discursivos que circulam nas mídias sociais e configuram um agrupamento de interpretações e de mapas semânticos mais ou menos estáveis que se apropriam da distinção esquerda/direita para avaliar candidatos e organizar a própria identidade política depois da virada à esquerda na presidência nacional.

Ademais, é de se destacar que, mesmo em uma sociedade pós-ditatorial e pós-Guerra Fria, o grupo de oposição radical reintroduz os temas do medo anticomunista das décadas de 1930 e 1960. Importante salientar que essa ideologia anticomunista é matizada em termos que refletem a conjuntura internacional contemporânea, resgatando e rearticulando três pilares anticomunistas: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo (OLIVEIRA, 2004). “Em diferentes momentos da história brasileira, o anticomunismo foi utilizado para legitimar uma reação conservadora” (SILVA, 2000).

No objeto estudado, essas nuances são contextualizadas em oposição ao Foro de São Paulo e à União de Nações Sul-Americanas (Unasul), fazendo resistência aos movimentos políticos de esquerda que presidem Bolívia e Venezuela, além de constantes referências ao regime de Cuba.

Ensinar a todos entender e compreenderem a política nas entrelinhas, mostrar a verdade que eles escondem, dar um basta a toda essa podridão, vamos mostrar para esses facínoras ladrões do dinheiro público, verdadeiros criminosos no poder e suas quadrilhas PT, PSOL, CUT, MST, PMDB, PTB, UNE, PCdoB, PCB, PDT, PSDB, Dialogo Interamericano, Foro de São Paulo e outras porcarias Comunistas e socialistas, a verdadeira face dessa Ditadura. [2]

Certamente, elementos de direita radical fazem parte da mentalidade e da cultura política de parte específica do eleitorado que se manifesta na rede de oposição radical. Cabe enfatizar, porém, que condições que insuflaram o crescimento de partidos de extrema-direita europeus também estão presentes no Brasil, como a crise de representação, a profunda transformação social, os políticos carismáticos e a insatisfação com instituições políticas tradicionais. “Pode ser, também, que as ideias da direita radical estejam tão impregnadas no nosso senso comum que não haja a necessidade de um partido político para defendê-las publicamente” (COMPARATO, 2014, p. 25).

116

O conjunto de fanpages faz uso, ainda, do que Hirschman (1991) chama de “retórica da intransigência”. Segundo ele, os imperativos argumentativos reacionários, ou reativos, são empregados tanto pelos progressistas quanto (e mais frequentemente) pelos conservadores, para desacreditar e ridicularizar a dissidência. “Ou, se houver discussão, será um típico ‘diálogo de surdos’ – um diálogo que irá, de fato, funcionar como prolongação e substituto da guerra civil” (HIRSCHMAN, 1991, p. 169).

Outro fator que contribui para o radicalismo, de acordo com Fenton (2012), é o domínio dos jovens das ferramentas digitais, os quais são desinteressados em filiações partidárias e procuram formas alternativas de ativismo, fragmentárias e individualizadas. “Essas características também se relacionam com a natureza da política on-line, que é frequentemente mais associada ao protesto do que à definição de projetos em longo prazo” (FENTON, 2012, p. 151). Em suma, as políticas de oposição radical operam por meio de redes informais, descentralizadas e não hierárquicas, aproximando os membros por sistemas de valores ou interpretações políticas partilhadas entre os membros (ATTON, 2006).

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se desenvolver o mapeamento cartográfico das redes de oposição radical no Facebook. Define-se essa esfera de páginas como um grupo que se une em torno do sentimento de desaprovação e de medo direcionado aos agentes que ocupam o governo desde 2002. Os fluxos discursivos fazem uso da oposição nós/eles para abordar a base governista como um inimigo que deve ser derrotado e acionam uma retórica moralista contra a corrupção

e as medidas do governo. O trabalho faz parte de uma compreensão de que é necessário lançar olhar aos movimentos e culturas políticas que moderam ou fazem ponto de antagonismo às viradas à esquerda da política regional da América Latina (LUNA; KALTWASSER, 2011).

O fenômeno brasileiro guarda particularidades inerentes a mobilizações dos afetos políticos e do ressentimento do eleitorado contra o governo e os agentes petistas de modo difuso e desarticulado. Enquanto que a insatisfação com o estado em países europeus proporcionou espaço profícuo para o surgimento e estabilização de partidos de extrema-direita, o contexto nacional se apresenta com outras questões, que concernem a virada à esquerda na América Latina e o desgaste da imagem do PT após 12 anos consecutivos no Governo Federal. Soma-se a isso a necessidade de aprofundar os estudos acerca de como e por meio de quais estratégias são construídas as identidades políticas nos ambientes fluidos e não oficiais do Facebook. Mais precisamente, como conteúdos gerados por usuários operam lógicas particulares para articular um posicionamento de oposição radical, sem, no entanto, se institucionalizar ou assumir preferência ideológica coesa.

Embora não se possa afirmar que somente as políticas de visibilidade investigadas neste texto sejam representativas de mudanças estruturais na sociedade e na demanda eleitoral brasileira, enfatiza-se que o objeto é profícuo para suscitar apontamentos e possibilidades de pesquisa sobre como o antipetismo e a distinção esquerda/direita são reconfigurados nas identidades políticas construídas nas mídias sociais. Esse processo comunicacional está ligado a questões sociopolíticas importantes que situam um local de fala em parte do estado de São Paulo, mas que se pulverizam por diversas regiões e classes sociais.

Buscou-se levantar os canais que mobilizam a retórica antipetista e antiesquerdista, encontrar as ligações, os subgrupos e identificar algumas particularidades dessa comunidade. O trabalho reconhece suas limitações, porém ao desenvolver uma análise que se baseia na formação de *clusters* de forma estrutural, a partir da opção metodológica da análise de redes sociais. Os seis subgrupos denotam, portanto, padrões de proximidade entre as fanpages, embora suas categorias discursivas estejam muitas vezes sobrepostas e atravessadas. Por isso, este artigo deixa espaço para análises futuras que se debrucem sobre a especificidade textual da rede, avaliando recorrências temáticas e eixos categóricos que levem adiante o estudo do objeto.

## NOTAS

[1] Entrevista cedida ao YouPix: <<http://youpix.virgula.uol.com.br/pessoas/entrevista-tv-revolta/>>. Acesso em 30 nov. 2014.

[2] Disponível em: <<https://www.facebook.com/organizaodecombateacorrupcao/info>>. Acesso em 30 nov. 2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. *A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ALVES, Maria Tereza Gonzaga. Conteúdos ideológicos da nova direita no Município de São Paulo: análise de surveys. *Opinião Pública*, Campinas, v. 6, n. 2, p. 187-225, 2000.
- AMES, Barry; SMITH, Amy Erica. Knowing Left from Right: Ideological Identification in Brazil, 2002-2006. *Journal of Politics in Latin America*, v. 2, n. 3, p. 3-38, 2010.
- ATTON, C. Far-right media on the Internet: culture, discourse and power. *New Media & Society*, v. 8, n. 4, p. 573-587, 2006.
- BASTIAN, Mathieu; HEYMANN, Sebastien; JACOMY, Mathieu. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. *ICWSM*, v. 8, p. 361-362, 2009.
- BARBOSA, Jeferson R., Ideologia e intolerância: a extrema-direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo. *Aurora*, ano 2, n. 2, jun. 2008.
- BENEVENUTO, F. et al. Explorando redes sociais online: da coleta e análise de grandes bases de dados às aplicações. XXIX SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES, 29, 2011, Campo Grande. Minicurso... Campo Grande: SBRC.
- BOISARD, S. Thinking the Latin American right-wing scientific object, actors and temporalities. *Varia Historia*, v. 30, n. 52, p. 85-100, 2014.
- BOWEN, James D. The Right in “New Left” Latin America. *Journal of Politics in Latin America*, v. 3, n. 1, p. 99-124, 2011.
- CAMERON, M., Latin America’s Left Turns: beyond good and bad. *Third World Quarterly*, v. 30, n. 2, p. 331-348, 2009.
- CARREIRÃO, Yan de Souza. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. *Opinião Pública*, Campinas, v. 13, n. 2, p. 307-339, 2007.
- COMPARATO, Bruno Konder. Uma Direita Radical no Brasil? IX ENCONTRO DA ABCP, 9, 2014. *Anais...* Brasília, 2014.
- DOS SANTOS, Marcelo. Os haters políticos: monitoramento e mapeamento dos hubs de oposição e do discurso do ódio no Facebook. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37, 2014. *Anais...* Foz do Iguaçu: Unicentro, 2014.
- FENTON, Natalie. The Internet and Radical Politics. In: CURRAN, J.; FENTON, N.; FREEDMAN, D. (Ed.). *Misunderstanding the Internet*. New York: Routledge, 2012.

HIRSCHMAN, Albert. *The Rhetoric of Reaction: perversity, futility, jeopardy*. Cambridge: Massachusetts: London: The Belknap press of Havard University Press, 1991.

JACOMY, Mathieu et al. *A Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization*. 29 ago. 2011. Disponível em: <[http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2\\_Paper.pdf](http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2_Paper.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2014.

LOURENÇO, Luiz Claudio. *Abrindo a caixa-preta: da indecisão à escolha A eleição presidencial de 2002*. 2007. 319 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Las derechas gobernantes en América Latina: hacia una caracterización preliminar. *Lasa Forum*, vol. 42, n. 3, 2011.

MADEIRA, Rafael Machado; TAROUÇO, Gabriela da Silva. Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 8, n. 15, 2011.

MELO, Carlos Ranulfo; SANTOS, Manoel Leornado. Y la nave va: Brasil bajo Dilma Rouseff, *Revista de Ciência Política*, v. 33, n. 1, p. 55-81, 2013.

NORRIS, Pippa. *Radical Right: voters and parties in the electoral market*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A ideologia anticomunista no Brasil, *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 23, p. 185-88, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. *Novos Estudos*, n. 19, dez. 1987.

PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, Marcelo Coutinho. A direita que flutua. *Novos Estudos Cebrap*, v. 29, 1991.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 16, n. 2, p. 60-77, 2013.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. V ANNUAL ACM WEB SCIENCE CONFERENCE, 5, 2013. *Proceedings...* ACM, 2013.

ROMERO, L. José. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1970.

SILVA, Carla Luciana. Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia. *Tempos Históricos*, v. 02, n. 1, p. 195-228, 2000.

SINGER, André. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*. São Paulo: EdUSP, 1999.

VALDEZ, André Calero et al. Using mixed node publication network graphs for analyzing success in interdisciplinary teams. *Active Media Technology*, v. 7.669, p. 606-617, 2012.